



ORIENTE MÉDIO

Antony Blinken, secretário de Estado dos EUA, detalha proposta para o futuro da Faixa de Gaza depois do cessar-fogo. Autoridade Palestina seria reformada e controlaria o enclave e a Cisjordânia com a ajuda da Organização das Nações Unidas

Plano para pós-guerra

» RODRIGO CRAVEIRO

Motatem Dalloul não vê a hora de o som das bombas silenciarem na Faixa de Gaza. Os últimos 466 dias têm sido uma “tragédia” para ele e para os palestinos que não conseguiram sair do território. “Eu perdi minha casa, meu escritório, minha esposa, dois filhos, dois irmãos, mais de 40 sobrinhos e primos. Isso não foi uma guerra ou uma luta contra o terrorismo. Foi um genocídio”, desabafou ao **Correio** o jornalista de 44 anos. Ontem, enquanto Israel e o grupo fundamentalista islâmico Hamas acertavam os últimos detalhes para um cessar-fogo, o secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, revelava seu plano para o futuro da Faixa de Gaza e dos palestinos. O chefe da diplomacia de Washington propôs que uma Autoridade Palestina (AP) reformada controle o enclave e convide parceiros internacionais, incluindo as Nações Unidas, para ajudarem no estabelecimento de um governo interino de Gaza.

“Os israelenses devem abandonar o mito de que podem realizar uma anexação de fato (de Gaza) sem custos e sem consequências para a democracia e para a segurança de Israel”, declarou Blinken, em discurso no instituto Atlantic Council, em Washington. Segundo o jornal *The Times of Israel*, o governo do premiê israelense, Benjamin Netanyahu, recusava-se a aceitar qualquer papel de protagonismo da Autoridade Palestina na Faixa de Gaza. A administração interina, construída com a ajuda de atores da comunidade internacional, ajudaria na reconstrução de bancos e no fornecimento de água, energia e atendimento à saúde. Tudo com o auxílio de Israel.

A segurança do território palestino seria confiada a forças militares de países aliados dos EUA, em coordenação com a Autoridade Palestina. Essa força de paz atuaria na assistência humanitária, no controle fronteiriço e na prevenção de contrabando. “Durante muito tempo deixamos claro ao governo israelense que o Hamas não pode ser



Palestinos em área bombardeada pelas forças israelenses na cidade de Gaza: últimos detalhes para trégua em negociação

derrotado apenas com uma campanha militar”, lembrou Blinken. “Sem uma alternativa clara, um plano pós-conflito e um horizonte político crível para os palestinos, o Hamas ou algo igualmente repugnante e perigoso, voltará a crescer”, advertiu. A ONU teria a função de supervisionar a nova AP, atendendo a uma resolução do Conselho de Segurança.

Trégua

Até o fechamento desta edição, um acordo de cessar-fogo entre Israel e Hamas dependia apenas de “detalhes”. A trégua na Faixa de Gaza ocorreria em

três etapas. Na primeira delas, com duração de 42 dias, o Hamas libertaria 33 reféns vivos; e as Forças de Defesa de Israel (IDF) iniciariam uma retirada gradual, mantendo um perímetro de segurança. O governo israelense soltaria os prisioneiros condenados à pena perpétua, à exceção dos envolvidos no massacre de 7 de outubro de 2023. Na segunda fase, as partes voltariam a debater a libertação de mais reféns e Israel atuariaria um protocolo de segurança para garantir o retorno dos palestinos ao norte de Gaza. O último estágio compreenderia a volta de todos os reféns, seguida pela retirada militar completa do enclave.

Apesar da esperança de paz, Dalloul não esconde um certo ceticismo. “Com ou sem Blinken, não haverá nenhuma paz real na região enquanto não nos sentirmos confortáveis”, afirmou. “Os sionistas nos forçaram a sair de nossas casas e ocuparam nossas terras em 1948. Muitos de nós foram mortos e torturados. Roubaram nossas terras e, agora, alegam que desejam a paz”, ironizou. O jornalista acredita que Israel não desistirá da anexação da Faixa de Gaza e da ocupação da Cisjordânia.

Em entrevista ao **Correio**, Matthew Levitt — diretor do Programa Reinhard sobre Contraterrorismo e Inteligência

O roteiro da paz

Papel da Autoridade Palestina

- O plano de Washington prevê que a Faixa de Gaza deveria estar sob controle da Autoridade Palestina, que agora controla a Cisjordânia de forma parcial e precária. A ideia é unificar o território palestino sob um mesmo governo.

Segurança

- A “missão de segurança provisória” incluiria tanto forças estrangeiras quanto “pessoal palestino verificado”. A ideia é que a Autoridade Palestina convide parceiros internacionais para ajudar a estabelecer e gerenciar uma administração provisória, com responsabilidade sobre setores civis fundamentais.

Estado Palestino

- Blinken afirma que “Israel terá que aceitar a reunificação de Gaza e da Cisjordânia sob a liderança de uma Autoridade Palestina reformada” e “deve adotar um caminho com prazos e condições para a formação de um Estado palestino independente.”

MONARQUIA BRITÂNICA

Chris Jackson/AFP



Catherine conversa com paciente em hospital onde fez tratamento, em Londres

Princesa Kate Middleton anuncia que o câncer está “em remissão”

A princesa Kate Middleton anunciou que seu câncer “está em remissão”, depois de visitar, com o marido, o príncipe William, o hospital oncológico de Londres onde foi tratada. “É um alívio estar em remissão e contínuo focada na recuperação”, publicou a princesa de Gales no Instagram, junto com uma foto de sua visita ao Royal Marsden Hospital. “Como qualquer pessoa que tenha sido diagnosticada com câncer sabe, leva tempo para se ajustar a uma nova normalidade. No entanto, estou ansiosa para um ano gratificante pela frente”, acrescentou nas redes sociais.

Kate, que completou 43 anos em 9 de janeiro, visitou o hospital de Londres para agradecer à equipe e mostrar seu apoio aos pacientes. Ela elogiou o “trabalho extraordinário” realizado no local. “Gostaria de aproveitar a oportunidade para agradecer ao The Royal Marsden por cuidar tão bem de mim durante o ano passado”, escreveu na rede social. “Meus mais

sinceros agradecimentos a todos aqueles que caminharam em silêncio junto a William e a mim. Não poderíamos ter perdido mais”, acrescentou.

Gratidão

A visita ocorreu no momento em que o Palácio de Kensington anunciou que Kate e William se tornaram patronos do hospital. Como patronos, os membros da família real apoiam mais de 3 mil organizações, incluindo instituições de caridade e hospitais. “Em minha nova função como madrinha do The Royal Marsden, minha esperança é de que, ao apoiar pesquisas inovadoras e a excelência clínica, além de promover o bem-estar do paciente e da família, possamos salvar muito mais vidas”, disse Kate.

A princesa anunciou a doença em 22 de março, sem dar detalhes sobre a natureza do tumor, dois meses após passar por uma operação “abdominal” em janeiro.

ESTADOS UNIDOS

Promotor viu provas da culpa de Trump

A cinco dias de voltar a ocupar a Casa Branca, Donald Trump sofreu nova derrota na Justiça — dessa vez muito mais moral e simbólica do que prática. Um relatório elaborado por Jack Smith, o promotor especial responsável por investigar o republicano, concluiu que Trump teria sido condenado por sua suposta tentativa de anular o resultado das eleições de 2020 se não tivesse sido eleito presidente em 2024.

No documento, Smith afirmou que havia provas suficientes para a condenação e assegurou que Trump participou de “um esforço criminoso sem precedentes”. Também ontem, o Senado dos Estados Unidos começou a sabatar os integrantes do gabinete de Trump. O primeiro a ser bombardeado com perguntas e críticas dos democratas foi Pete Hegseth, escolhido para chefiar o Pentágono. O ex-major de 44 anos enfrentou questionamentos sobre tortura e crimes de guerra, além de acusações sobre agressão sexual, uso excessivo de álcool e má gestão financeira.

O senador democrata Jack Reed foi direto: “Não acredito que ele esteja qualificado para atender às exigências esmagadoras deste cargo”. Hegseth apelou à religião em sua própria defesa. “Não sou uma pessoa perfeita, mas a redenção é real. Deus forjou-me de maneiras para as quais sei que estou preparado. Estou honrado pelas pessoas que estão de pé e sentadas atrás de mim e espero liderar este Pentágono em nome dos combatentes da guerra”, declarou.

Saul Loeb/AFP



Pete Hegseth, escolhido para comandar o Pentágono, é sabatinado pelo Senado

De acordo com David Lublin, diretor e professor do Departamento de Governo da American University (em Washington), além de ter servido na Guarda Nacional, Hegseth não tem experiência relevante para dirigir um órgão altamente burocrático como o Pentágono ou entender de estratégia militar. “Além disso, as acusações aparentemente bem fundamentadas de abuso de mulheres e de álcool dificilmente inspiram confiança nele. Sua principal qualificação é que Trump o viu na tevê e gostou dele”, explicou ao **Correio**.

Professora de direito na Universidade de Michigan e ex-procuradora federal, Barbara McQuade avalia que a conclusão do promotor especial, Jack Smith, é o padrão usado pelo Departamento de Justiça para registrar uma acusação. “Um promotor pode apresentar uma acusação somente se ele acredita que as evidências são suficientes o bastante para obter e sustentar uma condenação. Smith não está se gabando, mas simplesmente atestando que crê ter compilado evidências suficientes para atender ao padrão de acusação”, completou. Lublin afirmou não estar totalmente

do The Washington Institute for Near East Policy — disse que a chave para a estrutura básica de um plano para Gaza no pós-guerra será a capacidade de marginalizar o Hamas e excluir o grupo de qualquer papel de governança em Gaza. “Também será necessário garantir um acordo de parceria de Netanyahu com a Autoridade Palestina, que, nos últimos anos, provou-se corrupta e ineficiente”, explicou. “O governo de Donald Trump desejara colocar um fim a esta guerra. Nesse sentido, tem colocado pressão sobre todos os lados para assegurar um acordo de libertação dos reféns e olhar o futuro da Faixa de Gaza.”

claro se Trump seria condenado caso não tivesse sido eleito. “A Suprema Corte parece querer protegê-lo, com vastas concessões de imunidade presidencial”, lembrou. Ele acredita que a conclusão de Smith não provocará dano político em Trump. “Todos estamos cientes de suas atividades muito antes da eleição; mesmo assim, ele ganhou. No entanto, isso é algo sem precedentes na história presidencial norte-americana.”

Cuba

O presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, retirou Cuba da lista de países que patrocinam o terrorismo para fomentar a libertação de um número “significativo” de presos políticos, um decisão aplaudida por Havana. O ministro das Relações Exteriores cubano, Bruno Rodríguez, afirmou que Washington atua “na direção correta”, mas se queixou de que “o bloqueio permanece”. É “um gesto de boa vontade com o objetivo de facilitar a libertação de detidos injustamente” em Cuba, disse um alto funcionário americano, sob condição de anonimato. (Rodrigo Craveiro)